

JOAQUIM NABUCO

Laertes Munhoz

**Professor da Faculdade de Direito da
Universidade do Paraná**

O homem é um nome póstumo, disse Joaquim Nabuco. E “a glória não é senão o domínio que o espírito humano adquire de cada parcela ou inspiração que se lhe incorpora, e os centenários são as grandes renovações simbólicas dessa posse perpétua”.

Assim falando no terceiro centenário de Camões, estava Nabuco profetizando a glória do seu próprio centenário, a renovação simbólica da posse perpétua de cada parcela ou inspiração, que se incorporou a uma vida fecunda, brilhante, sedutora e vitoriosa. Essa vida, que é exemplo de equilíbrio patriótico, lição de puro idealismo, manifestação estética de beleza moral. Uma trajetória serena de trabalho construtivo, desinteressado, impessoal, essa vida teve alguma coisa de eterna, o que lhe haverá de perpetuar a memória na recordação da cruzada mais comovente da história pátria, a qual ficou esculpida na página de ouro da abolição dos escravos.

Nabuco talvez não tivesse sonhado para si uma glória tão grande, e que não ficou entre aquelas “que por virem tarde já vem frias”, porque foi a glória de uma vibrante e ardente mocidade, alistada para uma campanha que supunha havia de durar além de sua vida, mas que se fez vitoriosa ao cabo apenas

de nove anos. Essa glória êle a tinha desejado para seu pai, quando, estudante, lhe escreveu de Recife, solicitando-lhe que, se fôsse convidado, aceitasse o govêrno, a fim de abolir a escravidão: "por dois dias, para ditatorialmente extinguí-la. Eu não sonho para V. Mce. outra glória senão a de Abrão Lincoln".

As primeiras manifestações da sua vocação abolicionista tiveram cunho nitidamente literário, sob a influência dessa constelação de grandes astros da poesia, na qual fulgurou o gênio condoreiro de Castro Alves.

Nabuco, escreve Graça Aranha, "tivera precursores na ação literária pela libertação dos negros. No Maranhão, muitos anos antes, um jovem senhor de escravos, o poeta Trajano Galvão, publicára os seus comovidos poemas abolicionistas "*O Natal*" (1852), "*Nurajan*" (1854), "*Solaio*" (1855), e Raimundo Corrêa no prefácio às suas poesias "*Sertanejas*" sauda-o como precursor de Fagundes Varela e Castro Alves, como "um dos primeiros poetas que se fizeram campeões do abolicionismo"; em São Paulo, aquele que seria um dia um dos maiores factores da liberdade, Luiz Gama, escreveria as suas dolorosas poesias "*Minha mãe*", "*Cemitério de São Francisco*" (1861). Fervilhava uma literatura pelo escravo e os escritores são, entre outros, além daqueles proceres, Gonçalves Dias (*Escrava das Visões*), José de Alencar (*Demônio Familiar*, 1857), Bittencourt Sampaio (*Cativa, Flores Silvestres*, 1860), Manoel Macedo (*As vítimas algozes*, 1869)".

Em 1865, ainda no colégio, na sua poesia "*Uruguaiana*", recitada perante o Imperador, Nabuco exalta o sacrifício de Lincoln, como "o gênio que teve a cruz na liberdade, no altar da pátria o calvário, rompeu o sudário do escravo e beijou o pó pela idéia".

Condiscípulo de Castro Alves na Faculdade de Direito de São Paulo, êle revindica, mais tarde, para o poeta das "*Espumas Flutuantes*", numa alta demonstração da simpatia aurida na solidariedade da bela causa que abraçaram, a justa grandeza da glória do baiano imortal. O que a mocidade deve imitar nele, diz Nabuco, "não é o culto à concisão nervosa da sua estrofe,

mas o seu amor à liberdade, e, os que puderem alcançar tão alto, a força da sua inspiração”.

Antes, porém, desiludido da advocacia militante, já se fizera publicista, e em 1871 aparece como colaborador do jornal democrático “*A Reforma*”, sob o pseudônimo de Jefferson, no qual escreveu, por vezes, artigos políticos. Mas, como êle mesmo diria mais tarde, “outras coisas o ocupavam mais do que a política: a vida, a sociedade, o mundo, a arte, as letras, a filosofia”.

O seu primeiro editorial em “*A Reforma*”, como refere Celso Vieira, o mais recente dos seus biógrafos, causticava as misérias ministeriais sob uma legenda extraída aos *Anais* de Tacito — *Resumendi libertatis tempus*.

Era, então, Presidente do Conselho de Ministros o Visconde do Rio Branco e o editorial finalizava com estas palavras: “...por piedade, senhores ministros, se ainda sois brasileiros, se ainda não vendestes a nossa pátria comum, pedimo-vos do íntimo d'alma que não consumeis o sacrifício da honra do Brasil, uma vez que da vossa honra particular já fizestes bancarrota fraudulenta”.

Arrastava-o, nesse tempo, o radicalismo. Toma parte ativa na campanha maçônica contra os bispos e contra a Igreja. Partilha das idéias de Feijó, de uma Igreja Nacional independente da disciplina romana. Faz conferências, escreve artigos, publica folhetos.

Na maturidade, escrevendo sobre a sua formação, êle pondera: “Do que preciso fazer renuncia, em favor das traças que os consumiram, é de tudo o que nesses opúsculos escrevi em espírito de antagonismo à religião, com a mais soberba incompreensão de seu papel e da necessidade, superior a qualquer outra, de aumentar a sua influência, a sua ação formativa, reparadora, em todo caso consoladora, em nossa vida pública e em nossos costumes nacionais, no fundo transmissível da sociedade”.

Ainda na fase literária da mocidade, ao tempo em que foi colaborador do *Globo*, manteve forte polêmica com José de Alencar, tratando o autor do *Guarani* com rudeza, e, às vezes,

com injustiça, do que haveria de se penitenciar, quando já havia ingressado naquele estado olímpico da “aspiração da forma e do repouso definitivo”, proclamando com nobreza d’alma: “receio ter tratado com a presunção e a injustiça da mocidade o grande escritor (digo *receio*, porque não tornei a ler aqueles folhetins e não me recordo até onde foi a minha crítica, si ela ofendeu o que há profundo, nacional, em Alencar: o seu brasileiro) ”.

O articulista ardoroso, o radicalista ativo, o polemista apaixonado, o espírito dinâmico, o liberal cheio de arrebatamentos, que saiu dos bancos acadêmicos trazendo a flama de uma ambição, que só se contentaria com o lugar de Ministro, haveria, como todos nós, de ceder os arroubos da mocidade à ponderação severa de um espírito filosófico, capaz de, por si só, fazer a autocritica de sua própria evolução.

Mas a beleza daqueles entusiasmos, por mais intensos que se mostrem e por mais censuráveis que pareçam, serão sempre o fundo substancial de uma vida. A mocidade que não se agita é um paraizo perdido. A mocidade que não se expande no tumulto das suas energias rasgadas é uma água morta destinada à estagnação, de onde nada mais poderá brotar senão o desânimo e o conformismo. Nabuco não foi maior nem menor quando investiu contra o que êle julgava ser “as misérias ministeriais”, nem foi menos admirável quando mobilizou o seu radicalismo em favor do que êle pensou ser “a liberdade religiosa mais perfeita”, nem foi mais do que um moço de vinte e seis anos, no fogo da batalha literária com o imortal criador de *Iracema*. Em tudo isso, foi simplesmente a consciência ativa de uma ardorosa mocidade, que haveria de frutificar sôbre raízes fortes e profundas, a vida abençoada pelas mãos libertas do negro, a vida iluminada pelo amor incendiado da pátria, a que êle serviu sem rancores partidários, sem preconceitos políticos, raciais e religiosos, sem ódios pessoais, a vida embelezada pelo sentimento estético de uma primorosa vocação literária.

Como acontece com a maioria dos nossos homens de letras, que passam quase obrigatoriamente pelo jornalismo e pelo Parnaso, Nabuco também fez versos.

Aos quinze anos apresenta-se perante o Imperador na Arcadia Fluminense, com a poesia *Uruguaiana*, a que já fizemos menção. E como diz Celso Vieira, “D. Pedro II, mau poeta, devia apreciar-lhe os versos inocuos”.

Quando regressou de sua primeira viagem à Europa, em 1874, trouxe o seu livro de poesias em língua francesa, *Amour et Dieu*.

Um dos seus primeiros exemplares foi oferecido a Renan, a quem já havia visitado em Paris e a quem mandára, em 1872, por intermédio de um amigo, o opúsculo contendo a carta *Le droit au Meurtre*, publicada no Rio de Janeiro a propósito de *L'Homme-Femme* de Alexandre Dumas Filho.

Em resposta, Renan escreveu-lhe que *L'Homme-Femme* não era senão *un méchant paradoxe, une plaisanterie*, que não se devia tomar a serio. A respeito, porém, de *Amour et Dieu*, o grande escritor da *Vida de Jesus* não lhe regateou aplausos. E na carta com que lhe agradeceu o exemplar, convidando-o para uma visita, a fim de conversarem, lhe diz: “Oui, vous êtes vraiment poète. Vous avez l'harmonie, le sentiment profond, la facilité pleine de grâce”.

Realmente, “para um jovem brasileiro que escrevia pela primeira vez o francez, uma carta assim devia ser uma sensação de fazer época na vida”, não fôsse, mais tarde, a traidora página dos *Souvenirs d'Enfance et de Jeneusse*, na qual Renan faz esta confissão desconcertante, conforme a tradução de Osório Borba: “A partir de 1851, não creio ter cometido uma única mentira, excetuadas naturalmente as mentiras por gracejo, de pura eutrapélia, as mentiras convencionais e de cortesia, que todos os causistas permitem, e também os pequenos subterfúgios literários exigidos, tendo-se em vista uma verdade superior, pelas necessidades de uma frase bem equilibrada ou para evitar um mal maior, como o de ferir um autor. Um poeta, por exemplo, nos oferece os seus versos. Precisamos dizer que êles são admiráveis, pois não o dizer seria dar a entender que êles nada valem, e ofender gravemente um homem que teve a intenção de nos fazer uma gentileza”.

A meu respeito, diz Nabuco, “se uma vaga lembrança dos meus versos ocorreu tanto tempo depois ao escrever essa graciosa ironia, o grande escritor enganou-se em um ponto: êle não me teria apunhalado dizendo que os meus versos não valiam nada, em vez de dizer-me que eram admiráveis”.

O que sobretudo o impressionou em relação ao valor dos seus versos, foi “o silêncio frio, impenetrável, entretanto polido, atencioso, simpático de Edmond Scherer”. E êle próprio proclama êsse incidente com a nobreza de um homem de bem: “... o grande crítico manteve êsse silêncio desanimador dos médicos que não sabem enganar, quando os doentes ingênuos que se fizeram auscultar, querem surpreender e penetrar com perguntas insidiosas a realidade do seu estado”.

Mas nem por isso haveria de ceder fàcilmente a febre poética que se havia apossado de Nabuco, e uma idéia que ficara em germen numa das poesias do *Amour et Dieu*, seria mais tarde desenvolvida no seu grande drama em verso, concluído em Nova York — *L'Option* —, que teve como tema o problema da Alsacia Lorena, e do qual o ilustre Jusserand, então embaixador francês nos Estados Unidos, haveria de dizer: “O sr. Nabuco ainda nos deixa em manuscrito uma tragédia composta em verso francês, da qual podemos dizer sem exagero: certos trechos são de envergadura corneliana”. E isso foi dito após a morte de Nabuco, para quem o maior valor do seu drama era ser inédito.

Todavia, a poesia, em Nabuco, não foi essa espécie de febre passageira da mocidade. Tudo mostra que êle foi verdadeiramente um poeta na mais alta expressão do vocábulo, e Renan não teria mentido na carta de Sévres. Até porque “há, além da poesia de sentimento e da poesia de criação, outra poesia”, como êle diria em sua obra prima, que é *Minha Formação*, “essa poesia que engasta as belas idéias na mais durável e perfeita das cravações” e que “em Homero confunde-se com a história; em Dante com o catolicismo; em Goethe com a arte e com a ciência”. Em Nabuco confunde-se com o mais alto senso estético da vida. Com aquela vocação que o levou à aspiração de autor, **ao contato de grandes espíritos da época, como Renan, Scherer,**

George Sand, e que o fizera trocar em Paris e Roma a ambição política pela literária. Nabuco foi grande poeta na campanha abolicionista, acalentando o sonho da liberdade, que também é um sentimento estético. Só um poeta poderia reconhecer a superioridade da *Cabana de Pae Tomaz* sobre a *Vida de Jesus*, de Renan. E são verdadeiramente de um poeta estas invocações:

“Quando penso na alma escrava, que conheci na infância, pergunto a mim mesmo se a escravidão, a domesticidade do homem, não teria sido a origem de toda a bondade no mundo, e a escravidão se me afigura um rio de ternura, o mais silencioso que atravessa a história, mas tão largo e tão profundo que todos os outros”. “O escravo tornou-se um símbolo como o cordeiro. A aspiração à perda completa da liberdade em Deus, que é o traço cristão invariável, não significa senão que o amor do escravo foi julgado o amor por excelência” ... “pela minha parte eu não trocaria, por nenhum outro, o primeiro contato da minha vida com a raça generosa entre todas, que a desigualdade da sua condição enternecia, em vez de azedar, e que, por sua doçura no sofrimento, emprestava até mesmo a opressão de que era vítima um reflexo de bondade”.

E essa página comovente e maravilhosa que é *Massangana*, não constitui na beleza do seu quadro sugestivo e na delicadeza das suas invocações, um poema do mais puro misticismo poético? E aquela visita ao cemitério da capelinha de São Mateus, “onde havia cruzeiros sobre montes de pedras escondidas pelas ortigas”, e onde, sozinho, ele invocou todas as suas reminiscências, chamando os negros pelos nomes, os santos pretos, “intercessores pela nossa infeliz terra, que regaram com seu sangue, mas abençoaram com seu amor”, quanta poesia a brotar fraternal e romântica da contemplação daqueles túmulos sagrados, que lhe foram a fonte inspiradora do poema humano da redenção!

Aí está o poeta na moldura da mais comovente de todas as poesias, aquela que desponta cristalina e meiga, sonora e cantante, do sentimento mais puro de solidariedade com os sofredores.

Tendo revelado muito cedo os seus pendores literários, Nabuco aos quinze anos escreveu uma carta a Machado de Assis. Foi a primeira de uma longa correspondência, que haveria de se tornar memorável.

A literatura se reservaria para si o privilégio de aproximar êsses dois homens singulares. Joaquim Maria Machado de Assis vinha de origens modestas e obscuras. Era o moleque nascido no morro do Livramento. Simples filho do povo. Foi um menino franzino e doentio, como diz Lucia Miguel-Pereira, "um moleque entre muitos outros, um molequinho feio, de camisa de riscado e pés no chão". Aprendeu a ler na escola pública de Maria Inês à Rua do Piolho e as suas diversões de infância deviam ser como as de Braz Cubas: "caçar ninhos de pássaros, ou perseguir lagartixas nos morros do Livramento e da Conceição, ou simplesmente arruar à tôa". Joaquim Aurelio Barreto Nabuco de Araujo vinha de um tronco senhorial. Nasceu num belo sobrado do Recife. Filho de magistrado. Gozou das delícias dos senhores de engenho. O bêrço de linhagem aristocrática o ligou à classe orientadora do regimen parlamentar. Frequentou ginásios clássicos. Laureou-se nas escolas jurídicas de São Paulo e Recife. Formou a sua imaginação política "na grande casa familiar da praia do Flamengo", onde vivia seu pae, "como um oráculo da jurisprudência e dos partidos". E já na adolescência, como observa Graça Aranha, "Joaquim Nabuco ergue-se, por entre os excessos e desordens dos trópicos, com aquela expressão apolínea, que é uma libertação de tôda a submissão cósmica e que exprime na perfeição da forma o domínio do espírito sôbre a matéria universal".

A vida de Machado de Assis foi uma constante reação contra o destino. A vida de Nabuco foi um destino triunfal. Um era tímido, indeciso, dubitativo. O outro era solene. Encontraram-se no grande estuário democrático das letras, o filho da lavadeira do cônego Felipe com o filho de um estadista do Império, e na confraternização dos seus talentos sobre-pairaram às próprias origens, para se agigantarem na veneração e na gratidão da pátria comum, que foi o berço glorioso de ambos.

Podemos aqui repetir com Graça Aranha: “o heroísmo de Joaquim Nabuco foi o de separar-se da aristocracia e fazer a abolição. O heroísmo de Machado de Assis foi uma marcha inversa, da plebe à aristocracia pela ascensão espiritual. Ambos tiveram de romper com as suas classes e heroicamente afirmar as próprias personalidades”.

Antes de publicar o seu estudo sobre os *Luziadas*, Nabuco convida Machado de Assis para ouvir a leitura desse trabalho. Foi o segundo contato dos dois grandes amigos. Depois fundaram juntos uma revista literária — *A Época* — na qual escreviam Machado de Assis sob o pseudônimo de Manassés e Nabuco sob o de Ninguém. Mais tarde encontraram-se na *Revista Brasileira*, cuja redação, à Travessa do Ouvidor, era um conspícuo salão intelectual, de cujos sócios “o menos assíduo era o sol”, como descreveu Coelho Neto, e onde “se as idéias fulgissem e as imagens relumbrassem, certo não haveria em toda a cidade casa mais iluminada do que aquela”. É que ali se reuniam, além de Machado de Assis e Joaquim Nabuco, José Veríssimo, Taunay, Silva Ramos, Lucio de Mendonça, Graça Aranha, Inglez de Souza, João Ribeiro, Souza Bandeira. Ali nasceu a Academia Brasileira de Letras, sendo Machado de Assis aclamado Presidente já nas sessões preparatórias, cargo que conservou até a morte. Coube a Nabuco o lugar de Secretário Geral, bem como a incumbência de proferir o discurso inaugural, em 20 de julho de 1897. Foi ele, diz Graça Aranha, “quem explicou a Academia à Nação” e acrescenta: “Na sua vida precária, sem pouso certo, sem meios, perseguida pela ironia, atacada pelo despeito, a Academia encontrou a sua resistência moral em Machado de Assis e Joaquim Nabuco, o par glorioso que ela puzera à sua frente, e cuja assistência justificaria diante do público a sua aparição no nosso cáos literário”.

Naquele seu discurso, Nabuco traça os rumos da nova instituição. A primeira condição de perpetuidade, diz ele, é a verosimilhança, e o que tentamos hoje é altamente inverosímil. Para realizar o inverosímil o meio heróico é sempre a fé; a homens de letras que se prestam a formar uma academia não se pode pedir a fé; só se deve esperar deles a boa fé”.

E essa não faltou entre tantas personalidades ilustres, que não foram, como foi Nabuco, como “o poeta do quadro de Gleyre, vendo passar a barca das ilusões douradas pelo crepúsculo da tarde, e abismado no seu próprio isolamento”.

Estamos vendo que, não obstante os absorventes afazeres da sua vida de homem público, foi constante em Nabuco a preocupação literária. Ele o diz escrevendo sobre Renan: “Desde a Academia a literatura e a política alternaram uma com a outra, ocupando a minha curiosidade e governando as minhas ambições”. Nos primeiros anos predominou a política. Depois de sua primeira viagem à Europa predominou a literatura, para, nos últimos dez anos de sua vida, o interesse político ceder “gradualmente o lugar ao interesse religioso e ao interesse literário até ficar reduzido quase somente ao que tem de comum com eles”.

Mesmo quando longe da terra natal, como advogado do Brasil na questão de limites com a Guyana Inglesa, honrosa e espinhosa missão que foi confiada ao “esteta da monarquia” pelo governo republicano, e que Nabuco aceitou sem quebra dos seus compromissos com o antigo regimem, ele é, no retiro de Londres, o oráculo da criação literária, através da saudade da pátria. E, ali, os seus amigos nostálgicos abrigam-se à sua sombra acolhedora. É de Graça Aranha este depoimento pessoal: “José Carlos Rodrigues absorve-se na bibliografia brasileira, Eduardo Prado na biblioteca do British Museum recolhe materiais do seu futuro livro sobre o Padre Manoel de Moraes e a inquisição no Brasil, Domicio da Gama renova as *Histórias Curtas*, Oliveira Lima faz aparecer o *Reconhecimento do Império*, Silvino Gurgel do Amaral labuta no seu *Grotius*, Cardoso de Oliveira publica o seu romance baiano *Dois Metros e Cinco*, Graça Aranha escreve *Chanaan*”. E Nabuco, “no meio dos trabalhos ciclóticos da memória, acha tempo para ajuntar alguns capítulos à *Minha Formação* e coordenar os *Escritos e Discursos Literários*.”

Nada o faria esquecer a Academia de Letras e Machado de Assis. Precisamente quando o governo brasileiro lhe confia nova e importante missão, qual fôsse a de “fazer da amizade

com o governo americano a base da política internacional do Brasil”, morre no Rio de Janeiro D. Carolina Machado de Assis, a esposa amada de Machado de Assis. Foi o mais duro golpe sofrido pelo grande escritor, que, daí em diante, se aprofunda na mais dolorosa melancolia. Na vida solitária que êsse desfecho lhe veio a abrir, Machado procura, em silêncio, conservar a ilusão da presença da mulher. Tudo que era dela foi mantido tal como ela havia deixado. Na cama de casal, escreve Lucia Pereira, “o seu travesseiro continuava a lhe marcar o lugar, assim como à mesa o seu talher. Seus objetos particulares, de toilette, eram como si os fôsse utilizar, dispostos sôbre a penteadeira. E a sua cestinha de costura com o último bordado que começára, ficou onde ela a deixára. O último livro que tentou ler, *Esau e Jacob*, foi para o móvel onde Machado guardava as relíquias do seu amor. Carolina continuou a viver com êle, dentro dêle, até se fixar no poema de amor conjugal que é o *Memorial de Aires*”.

Aquele grande introvertido, que fazia assim o culto da dor e da saudade, abriu-se, porém, às escancaradas, perante o amigo distante, como revelam as palavras comoventes desta carta: “Meu caro Nabuco. Tão longe, em outro meio, chegou-lhe a notícia da minha grande desgraça e você expressou logo a sua simpatia por um telegrama. A única palavra com que lhe agradei é a mesma que ora lhe mando, não sabendo outra que possa dizer tudo o que sinto e me acabrunha”. (Essa palavra era *obrigado*) “Foi-se a melhor parte da minha vida, e aqui estou só no mundo. Note que a solidão não me é enfadonha, antes me é grata, porque é um modo de viver com ela, ouvi-la, assistir aos mil cuidados que essa companheira de 35 anos de casados tinha comigo; mas não há imaginação que não acorde e a vigília aumenta a falta da pessoa amada. Eramos velhos, e eu contava morrer antes dela, o que seria um grande favor; primeiro porque não acharia a ninguém que melhor me ajudasse a morrer; segundo, porque ela deixa alguns parentes, e eu não tenho nenhum. Os meus são os amigos, e verdadeiramente são os melhores; mas a vida os dispersa no espaço, nas preocupações do espírito e na própria carreira que a cada um cabe. Aqui me fi-

co, por ora na mesma casa, no mesmo aposento, com os mesmos adornos seus. Tudo me lembra a minha meiga Carolina. Como estou à beira do eterno aposento, não gastarei muito tempo em recordá-la. Irei vê-la, ela me esperará”.

Dentro da atribulação do seu espírito conturbado pelo duro golpe, Machado dias depois escreve nova carta a Nabuco: “Não se admire se esta carta repetir alguma resposta já dada, tal é a confusão do meu espírito depois da desgraça que me abateu. Fiquei de lhe responder especialmente sobre a eleição da Academia; é o que vou fazer. Se já o fiz não se perde nada”.

E daí para frente, aquele espírito cético, de amargo e triste humorismo, que “amava as trevas da alma humana”, haveria de ter bem poucos momentos felizes, êle que fizera da romaria dominical ao cemitério de São João Batista, a sua religião. Ia levar flores à esposa morta,

“... restos arrancados
Da terra que nos viu passar unidos
E ora mortos nos deixa separados”.

Relata Lucia Pereira que êle levava as flores embrulhadas “ou para não as desfolhar o vento, ou para não revelar aos outros o motivo da sua peregrinação”. “Um dia, teimou o condutor do bonde em não o deixar entrar com o embrulho no carro de primeira. E o grande escritor, submisso e modesto, passou desde então a viajar em carros de segunda”.

Tímido e humilde por temperamento, a grande dor da viuvez o transfigurára na resignação da piedade e na humildade da mansidão.

A Academia de Letras foi um dos seus refúgios. O outro foi a amizade de Nabuco, a quem chegou a pedir que lhe mandasse uma das suas últimas fotografias, a qual, depois, agradece: “Esta fica na minha sala, com a de outros íntimos. E outra carta volta ao assunto: “pende na parede por cima da caixa, que encerra o ramo do carvalho de Tasso”.

Um raio de sol nas trevas da sua tristeza, foi o instante em que lhe ofereceram, em sessão pública da Academia, o ramo

de carvalho de Tasso, colhido por Nabuco no Janiculo, em Roma. Remetendo essa preciosidade, Nabuco dirige-se a Graça Aranha: "O que vai nessa caixa é um ramo de carvalho de Tasso, que lhe mando para oferecer ao Machado de Assis do modo que lhe parecer mais simbólico. Devemos tratá-lo com o carinho e a veneração com que no Oriente tratam as caravanas a palmeira às vezes solitária do oásis".

Em 1906, tendo conseguido para o Brasil a honra de ser a sede do Terceiro Congresso Pan-Americano, que nos proporcionou a visita de Elihu Root, como prova do alto prestígio do nosso embaixador em Washington, Nabuco vem ao Brasil ostentando a aureola de um triunfador. Para Machado de Assis êsse foi um novo motivo de felicidade. Saiu da sua dor, da sua solidão, para estar presente a tôdas as homenagens que se prestaram ao seu amigo. Foram momentos de alegria, que cessaram depressa, tão logo retornou Nabuco para o seu posto em Washington. Machado ficou, para resignadamente se avisinhar da morte, cuja aproximação presentiu e comunicou a Nabuco na sua carta de maio de 1908: "Escrevo ao Mario de Alencar pedindo-lhe que venha à minha casa, quando eu morrer, e leve aquele galho de carvalho de Tasso que Você me mandou e o Graça me entregou em sessão da Academia". Machado desejava que a Academia conservasse o honroso troféu "como lembrança de nós três, Você, o Graça e eu". A carta termina com êste preságio: "De mim já sabe e advinha. Se Você cá vier cedo ainda nos abraçaremos uma vez, como tantas outras, há tantos anos". Nabuco responde exaltando-o e animando-o: "... a admiração inconsciente que Você inspirou à geração anterior, ou à nossa, gosa hoje de uma reputação que forçará a posteridade a lê-lo e estudá-lo para compreender a fascinação exercida por Você sobre o seu tempo. É belo tal crepúsculo para um homem de letras, porque os homens de letras têm mais a preocupação da duração da sua obra do que mesmo do seu nome. Mas a noite está ainda muito longe". Machado torna ainda a escrever-lhe, cumprimentando-o pelas suas conferências de Yale e anunciando que "daqui a pouco a casa Garnier publicará um livro meu, e é o último". Referia-se ao *Memorial de Aires*, real-

mente o último, cuja remessa a Nabuco êle anuncia em carta de 1.º de agosto de 1908: "Lá vae o meu *Memorial de Aires*. Você me dirá o que lhe parece. Insisto em dizer que é o último livro". Encerra essa carta com assunto de interêsse da Academia, dizendo: "Não há vaga, mas quem sabe se não a darei eu?"

Deu-a logo depois, a 29 de setembro, quando se despediu para sempre "do ofício cansativo da vida", aquele cuja "alma era um vaso de amenidade melancólica", e que na língua pátria "prosava como Luiz de Souza e cantava como Luiz de Camões", aquele que foi "modelo de pureza e correção, temperança e doçura", como proclamou o gênio de Rui no último adeus da Academia.

"Lá se foi o nosso Machado", é o sussurro da lamentação de Nabuco escrevendo a Graça Aranha. "Agora é que vemos a nossa pobreza". Não é favorável à idéia de uma estátua. "A estátua para ser digna dêle teria que ser uma grande obra". Sugere a compra da casa em que viveu e morreu o grande escritor, para conservar tudo como ficou, recordando a sua visita à casa de Voltaire. O túmulo mais belo seria uma pedra entre flores, como o de Shelley, à sombra de uma grande árvore, com pássaros esvoaçando em redor.

Mais uma vez a alma do poeta a se manifestar nas sugestões da saudade. O artista quer a simplicidade da arte para glorificar a própria arte.

A amizade, que uniu êsses dois homens provindos de origens tão diversas e de temperamentos tão antagônicos, foi, sem dúvida, um dos traços predominantes da vocação literária de Nabuco, porque Machado de Assis era um foco de atração literária. Formou-se entre êles uma afinidade intelectual que teve a sua grande inspiradora na admiração recíproca em que viveram essas duas inteligências, dignas de, por si sós, afirmarem uma época de refulgencia espiritual, tão grata de ser recordada como lenitivo e consôlo dos dias de ambição e mediocridade que se escoam em nossa atualidade desalentadora.

Joaquim Nabuco está, a êsse tempo, no apogeu da sua vida fulgurante, que foi, tôda ela, um verdadeiro zenit. Entrega-se,

com interêsse, ao trato das letras, naquela “necessidade de cultivar interiormente a benevolência”.

As Universidades americanas se fazem ávidas da sua palavra. A de Columbia já lhe havia conferido o título de doutor “honoris causa”. Em Yale profere as suas conferências sobre Camões. Faz da embaixada do Brasil em Washington “o mais ativo centro social da inteligência”.

O seu livro *Pensées Detachées e Souvenirs*, bela edição da “Librairie Hachette”, de Paris, foi um marcante acontecimento literário. Há nele páginas de meditação como o “Souvenir du Cimetière de Petropolis”, que Emil Faguet afirma não estar longe de ser de Chateaubriand.

“C’est un philosophe fort intéressant”, escreve Faguet, para quem Joaquim Nabuco era evidentemente um pseudônimo. Talvez o confundisse com algum dos grandes pensadores e moralistas franceses.

Na Itália, Vicenso Morelli protesta: “Joaquim Nabuco, pseudônimo evidentemente, afirmou Faguet. Porque evidentemente? É o nome do ilustre diplomata brasileiro, que está atualmente em Washington e que já esteve em Roma”. “Este autor é um verdadeiro diplomata da vida. Sabe encontrar a forma mais correta e elegante para manter as melhores relações entre a razão e a fantasia, entre a matéria e o espírito, entre o sonho e a realidade”.

Nesse livro de raro encantamento, Nabuco se mostra um crente fervoroso “e põe muita arte no íntimo de sua fé”. A influência de Renan fora apenas “um diletantismo que o transviou”. Uma influência literária da mocidade, que não teve a força de impedir, na idade filosófica, o retôrno à fé cristã. Renan não sabia escrever uma página na qual não houvesse mel, mesmo o seu fel era doce, ao contrário de certos escritores que não fabricam senão o fel, mesmo com o perfume das rosas. É um dos belos pensamentos *detachées*, através do qual revela e confessa a embriaguez espiritual daquele mel, que não teria sido senão o fel da doçura com que Renan sabia escrever.

Mas hoje, diz êle na história da sua formação, “eu seria incapaz de experimentar, relendo-o, a impressão de outrora. Tiro da minha estante íntima algum volume das suas obras, percorro os trechos que antigamente me embriagavam, não encontro mais as sensações da mocidade... Tais páginas são para mim notas que perderam o som, rosas de que se evaporou o perfume”.

É que a Renan êle não se havia dado inteiramente, como depois se deu à fé, porque “croire, c’est se donner entièrement”.

Dos conselhos de Renan êle só aproveitou o que lhe havia indicado os estudos de história, conselho talvez perfido, porque ministrado precisamente quando Nabuco se apresentava com um livro de poesias. A verdade é que êle, afinal, fez da história “o único campo em que me seria dado ainda cultivar a política, porque nele não teria perigo de faltar à indulgência, que é a caridade do espírito, nem à tolerância, que é a forma de justiça a que eu posso atingir”. E a tolerância, que é a forma de justiça a que eu posso atingir”. E a tolerância êle a soube cultivar com “a tolerância é a verdadeira medida da cultura”.

O seu grande livro de história teria razão precípua na vida de seu pai, verdadeiramente *um estadista do Império*, obra de pesquisa e de esforço que lhe consumiu longos anos de trabalho, e na qual “reconstitui a fisionomia de uma época em seus movimentos perspectivos dominantes”. Sem embargo do amor filial, fez justiça ao varão insigne que enobreceu o segundo reinado na magistratura, na política, na administração, na sociedade e na família. Soube corresponder ao que o velho senador e conselheiro dêle afirmava com emoção, conforme o trecho da carta divulgada por D. Carolina Nabuco, na qual aquele diz com a visão de um profeta, que êle é “o seu orgulho, o futuro da família e a esperança da Pátria”.

Houve aí, necessariamente, um êrro de proporção, porque Joaquim Nabuco foi mais do que isso. Mais do que o orgulho do pai, foi o orgulho da própria Pátria, mais do que o futuro da família, foi o futuro, o presente e o passado de uma época que êle tornou imortal, mais do que a esperança da Pátria, foi a realidade, a afirmação, a concretização de uma glória nacional.

O impulso do seu destino, “não o creou só para escrever com sua pena a história”, disse Rui, “senão também para a elaborar com os seus atos”, observação profunda e certa que Graça Aranha renovou nesta conceito lapidar. “O destino, porém, velava. Nabuco não seguiu no instante o conselho de Renan. Em vez de escrever história, fez cousa melhor, fez história”.

Sim, fez história no serviço honesto da coisa pública, como orador parlamentar e propagandista de uma das mais belas conquistas sociais: a abolição; como diplomata dos mais ilustres e capazes, a quem o Brasil confiou, sem preconceitos de regimens e partidos, as suas grandes causas internacionais; como político que se alcandorou às lutas estereis do personalismo e da ambição do mando; como homem de ação e de pensamento, como escritor, como artista, como filósofo, como poeta; em fim, como um dos mais altos padrões morais intelectuais e espirituais da humanidade.

Um dia, Machado de Assis, admirando aquela geração de políticos formados pelos moldes ingleses, disse dêles que “não perdiam a linha”, e tinham “um pouco de homens, outro pouco de instituição”.

Assim foi Joaquim Nabuco: um homem e uma instituição. E como homem e como instituição, ainda e sempre o credor da reverência universal, porque transcende às fronteiras da pátria quem tanto souber elevar, por si mesmo, pela sua obra e pelos seus exemplos, a dignidade da pessoa humana.